

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA PARA O DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E SOCIAL**

Giulia Melo Marques

**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: um debate sobre a influência da mídia no
desenvolvimento de políticas públicas.**

Rio de Janeiro

2023

Giulia Melo Marques

O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: um debate sobre a influência da mídia no desenvolvimento de políticas públicas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do grau de Gestora Pública.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Walkiria de Faro C. G. Cabral

Rio de Janeiro, RJ

2023

CIP - Catalogação na Publicação

M357f Marques, Giulia
O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: um debate sobre a influência da mídia no desenvolvimento de políticas públicas. / Giulia Marques. -- Rio de Janeiro, 2023. 30 f.

Orientador: Maria Walkiria Cabral.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social, 2023.

1. Futebol feminino . 2. Influência midiática . 3. Gênero . 4. Investimento . I. Cabral, Maria Walkiria , orient. II. Título.

Giulia Melo Marques

O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: um debate sobre a influência da mídia no desenvolvimento de políticas públicas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do grau de Gestora Pública.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARIA WALKIRIA DE FARO COELHO GUEDES CAI**
Data: 17/01/2024 10:35:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Maria Walkíria de Faro C. G. Cabral (Orientadora)
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **LUIZA DE SOUZA LIMA MACEDO**
Data: 17/01/2024 20:09:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Ms. Luiza de Souza Lima Macedo (Examinadora)
Programa Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Universidade Federal de Minas Gerais

Rio de Janeiro, RJ

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora Maria Walkiria, pela orientação dedicada, apoio incansável e valiosas sugestões ao longo de todo o processo de pesquisa. Sua expertise e entusiasmo foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, que sempre estiveram ao meu lado durante todos os momentos dessa jornada acadêmica, agradeço o apoio incondicional, paciência e incentivo constante, muito obrigada por nunca duvidarem de mim. Espero conseguir sempre ser merecedora do orgulho de vocês e continuar contando com todo o apoio que recebo, pra sempre, amo muito vocês.

Aos meus amigos, que tiveram paciência de me aguentar durante esse processo de TCC, que estão comigo em todos os momentos dentro e fora desta jornada acadêmica, que me concederam apoio incondicional e me ajudaram a suportar tudo que foi necessário neste processo, definitivamente eu não conseguiria sem vocês; em especial gostaria de agradecer a Isabel por me perturbar constantemente para escrever o TCC, por me motivar constantemente a não desistir e principalmente por suportar meus surtos diários, a Maria Paula por acreditar em mim e na minha ideia, e me fazer crer que sou capaz de escrever algo bom. Infelizmente não consigo citar todos os meus amigos individualmente que tiveram um papel essencial não só na minha formação acadêmica como na da minha vida, serei eternamente grata por todas as pessoas que estiveram no meu caminho neste caos perfeito que se chama UFRJ.

Queria deixar meu imenso agradecimento à empresa júnior Ânima Pública, e principalmente para o meu amor azul, laranja e branco, a AAAGPDES, que sem sombra de dúvidas foi meu alicerce na faculdade, construiu parte de quem sou hoje, me fez crescer como ser humano e como profissional, e claro, todas as pessoas envolvidas nessas entidades fazem parte dessa construção, muito obrigada.

Por fim, expresso minha gratidão a todas as fontes de inspiração que encontrei ao longo dessa jornada, sejam elas obras acadêmicas, colegas de outras instituições ou pessoas cujas histórias e realizações me motivaram.

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e suporte de todos vocês. Cada um desempenhou um papel fundamental, e sou profundamente e eternamente grata por isso, desculpe pelo caos chamado “Giulia”. Em todas as mais de 10 mil palavras desse tcc tem o amor que recebi de vocês.

Obrigada por existirem e partilharem a vida de vocês comigo, dentro e fora da UFRJ, levarei cada pessoa comigo pra sempre, eu amo vocês.

Giulia Marques

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	9
2.1. A vivência do machismo no Futebol Feminino	12
3. O PAPEL DA MÍDIA NO ENFRENTAMENTO AO MACHISMO NO FUTEBOL	15
3.1. Influência Social da Mídia no Futebol Feminino	16
4. O INCENTIVO PÚBLICO AO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	20
4.1. Novos cenários para o Futebol Feminino no Brasil	23
5. CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS.....	33

O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: um debate sobre a influência da mídia no desenvolvimento de políticas públicas¹.

WOMEN'S SOCCER IN BRAZIL: a debate on the influence of the media on the development of public policies.

Giulia Melo Marques

RESUMO

O futebol foi consolidado estruturalmente como um jogo “naturalmente” associado à masculinidade e virilidade, ao passo que o “futebol feminino” se tornou uma especificidade, indicando que o esporte está sendo praticado por outros sujeitos que não aqueles “naturalmente” constituídos, dando a entender que o significado de apenas “futebol” deve ser atribuído apenas ao masculino. Sendo assim, a contrariedade acerca do gênero no futebol é uma peça importante nesse processo de abertura do espaço das mulheres no esporte. O presente trabalho visa debater o impacto dessa “naturalização” do masculino no futebol, apresentando a dificuldade de investimento em políticas públicas para o futebol feminino e em que medida a mídia possui um grande papel nesse cenário. Parte-se da hipótese que a divulgação e atenção midiática voltada para o tema do futebol feminino pode proporcionar maior conscientização e cobrança do público, para que o futebol praticado por mulheres tenha maior visibilidade. Nesse sentido, busca-se provocar neste trabalho reflexões sobre como a mídia alimenta as expectativas sociais acerca do futebol feminino o que, por sua vez, poderia pressionar os governos para mais políticas públicas, contribuindo para esse processo de ampliação da visibilidade e investimento no futebol feminino. Por fim concluiu-se que há necessidade de mais pesquisas nesse campo de estudo considerando a mídia importante elemento que pode auxiliar ou retardar esse processo.

Palavras-chave: Futebol feminino; Incentivo; Influência midiática; Gênero.

ABSTRACT

¹ Nos termos da DELIBERAÇÃO IPPUR Nº 02/2021 – GPDES, art.3º, II, o modelo de trabalho escolhido foi “artigo científico”, motivo pelo qual o presente trabalho se estrutura no formato exigido pela maioria das revistas científicas do país, exceto pelo “SUMÁRIO” aqui exposto que visa tão somente atender às exigências da Biblioteca do IPPUR.

Soccer was structurally consolidated as a term "naturally" associated with masculinity and virility, while "women's soccer" became a specificity, indicating that the sport is being practiced by subjects other than those "naturally" constituted, implying that the meaning of only "soccer" should be attributed only to the masculine. Therefore, the opposition to gender in soccer is an important part of this process of opening up women's space in the sport. The present work aims to discuss the scope of this "naturalization" of the masculine in soccer, presenting the difficulty of investing in public policies for women's soccer and to what extent the media has a great role in this scenario. It is hypothesized that the dissemination and media attention focused on the theme of women's soccer can provide greater awareness and demand from the public, so that soccer played by women has greater visibility. For that matter, we seek to provoke reflections on how media feeds the social expectations regarding woman's soccer that could pressure the governments, contributing to the expansion of visibility and also investment in woman's soccer. In conclusion, there's a need of more search on that field, considering the media as a important element that can assist ou delay the process.

Keywords: Women's football; Investment; Media influence; Gender.

1. INTRODUÇÃO

A igualdade de gênero voltada principalmente para questões financeiras e sociais está sendo cada vez mais retratadas e comentadas dentro da nossa sociedade. E como explicitado por Brauner (2015), apesar dos avanços dos últimos anos em relação às garantias de não discriminação e tratamento igualitário entre homens e mulheres, as estatísticas atuais mostram que ainda há muito por fazer, sendo a promoção da igualdade de gênero o cerne das políticas sociais e econômicas na maioria dos países.

Para entender os processos intrínsecos no debate abordado, foi feita uma pesquisa exploratória sobre o futebol feminino com uma abordagem mista, utilizando-se de técnicas como revisão bibliográfica e análise de documentos. Tendo como autores fundamentais, Bourdieu, Brauner, Goellner, Januário, dentre outros e sites como Globo Esporte, BBC, UNESP, GOV etc. Inicialmente é importante que comecemos essa narrativa elencando o cerne do problema, por isso, é imprescindível que abordemos

A história do esporte, em especial, a do futebol, é desde sua popularização divulgada apenas como um esporte masculino, e desde o momento que se diz “futebol”, nos remetemos imediatamente aos times compostos por homens apenas. O preconceito de gênero e a falta de incentivo no futebol feminino é um tema urgente.

Nos termos de Martins e Moraes (2007), o futebol é um esporte popular, com grande número de praticantes em nível mundial e a sua história, o envolvimento midiático, inserção em variadas culturas, assim como o interesse comercial e de marketing dos clubes e campeonatos, vêm nos mostrando essa popularidade no decorrer dos anos. Porém, toda essa popularidade esteve sempre voltada para o masculino e, a princípio, a inserção das mulheres nesse esporte foi muito ignorada pela mídia, pelos investidores e até mesmo pelos clubes, em geral.

Em que pese a popularidade do futebol masculino, é possível perceber uma mudança de chave sobre o tema, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, onde “o futebol feminino tem se tornado uma área de estudos emergente e envolvente, em proporções globais, atraindo um número crescente de pesquisadores de diversas áreas” (IFI, 2005, p. 2).

No que diz respeito ao investimento no futebol geral, cabe ressaltar que o marketing esportivo tem um papel crucial, considerando a terminologia marketing esportivo como toda e qualquer forma de satisfação de necessidades e desejos de consumo no esporte (Contursi, 1996).

Analisando essa ferramenta, é possível entender que o segmento do marketing esportivo, através da mídia (jornais, revistas, redes sociais etc.), se tornou o mais eficaz no aumento das receitas e em tornar marcas, eventos e atletas mais envolvidos com o público e com o esporte, ressaltando assim, a sua extrema importância no que tange o investimento, desenvolvimento, consumo das modalidades esportivas.

Considerando os fatores inicialmente relatados, a proposta do presente trabalho é apresentar a influência da mídia no processo de expansão e incentivo no futebol feminino, a partir da visibilidade dada ao esporte, principalmente na Copa do Mundo Feminina da FIFA Austrália e Nova Zelândia 2023, considerando as dificuldades encontradas devido à desigualdade de gênero no futebol. Busca-se, ainda, apresentar algumas ações governamentais que podem contribuir para a redução das desigualdades aqui apontadas.

Nesse sentido, no capítulo 2 iremos apresentar uma breve referência histórica sobre o futebol feminino no Brasil, o incentivo social ao futebol feminino, em

comparação com o gênero masculino, fazendo ainda desvelar um pouco da estrutura machista que ainda sustenta o esporte nesse país.

No capítulo 3, serão abordadas questões relacionadas a influência e o papel da mídia em todo o processo de discriminação do futebol feminino no Brasil, bem como o quanto a mudança de abordagem da mídia tem uma notória relevância no aumento de visibilidade da modalidade e em seus incentivos.

Desse modo, no capítulo 4, será elucidado o investimento atual, passado e a perspectiva de crescimento, que caminha a passos lentos em decorrência de toda a estrutura patriarcal instaurada no Brasil, mas que dado o entendimento de sua real importância, está tomando caminhos que contribuem para uma naturalização do esporte no meio das mulheres, principalmente com a evolução das ações públicas voltadas para o seu desenvolvimento no Brasil.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

O futebol feminino no Brasil enfrenta desafios ao longo dos anos, ao mesmo tempo em que mostra sinais de crescimento e evolução nos últimos anos. No país do futebol, a modalidade feminina tem ganhado mais destaque e apoio. A história do futebol de mulheres no Brasil é recente. O histórico de proibições e afastamentos associados às premissas biologizantes, pautadas pela “condição de mulher” e da dita “feminina”, tem grande influência nas dificuldades enfrentadas pela modalidade até a atualidade (Knijnik; Souza, 2004).

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, os músculos delineados, a liberdade de movimentos, práticas comuns a quem pratica atividade física quando relacionadas à mulher, despertam suspeita, porque transpassam os limites tidos como de identidade feminina. E, também, desestabilizam um mundo criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa seria a biologia do corpo que os fazem superiores a elas. (Goellner, 2005)

A idealização de gênero e a imposição de que mulheres são fisicamente incapazes ou despreparadas para a prática do futebol acompanhou a história dele ao decorrer dos anos e, apesar de atualmente já ser mais que comprovado que se trata apenas de achismos e pensamentos sexistas, o exercício do esporte por mulheres ainda é bem limitado.

A inserção feminina no futebol teve início durante a Primeira Guerra Mundial, já que, grande parte dos homens estavam nos campos de batalha. A partir disso houve a abertura de espaço para as mulheres nas fábricas e, conseqüentemente, nos times anteriormente ocupados exclusivamente pelos homens (Araújo, 2014).

Até meados do século XIX, a participação das mulheres no Brasil em alguns cenários sociais, incluindo o esportivo, era reduzida devido à estrutura conservadora da época (Gâmboa, 2019).

O futebol feminino no Brasil é um direito recente. Em 1921, foi realizado o primeiro campeonato feminino de futebol no país, na cidade de São Paulo, porém vinte anos depois, a prática do esporte foi proibida por meio de um decreto-Lei nº3199, de 14 de abril de 1941, pelo então presidente Getúlio Vargas.

Somente em 1965, 40 anos após a proibição, é que teve início o processo de descriminalização, de maneira não oficial, com o delinear de uma linha anti-segregadora do esporte, pelo Conselho Nacional de Desportos (CND).

De acordo com a Revista Veja (1996), a primeira partida de futebol feminino no Brasil aconteceu em São Paulo, no ano de 1921, num jogo entre Senhoritas Cana-reinenses X Senhoritas Tremembeenses, nas décadas seguintes ocorreram esporádicas inserções da mulher na prática do futebol, sendo que em 1976 um jornal registrou a prática do futebol nas praias do Leblon no Rio de Janeiro, que ocorria sempre tarde da noite, pois as praticantes eram empregadas domésticas. (Kanesiro, 2009).

Anos mais tarde, em 1982, a jogadora Rose do Rio e atletas do Corinthians e São Paulo organizaram uma partida feminina no Estádio Morumbi, durante o Festival das Mulheres nas Artes.

Enquanto o masculino alcançava grande destaque internacional com a conquista do Tricampeonato em 1970, o futebol feminino era impedido de ser ensinado nas escolas, quando foi oficialmente regulamentado, em 1983, pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Esta regulamentação aconteceu devido à influência das lutas feministas, à resistência das jogadoras e à persistência em superar as barreiras.

A regulamentação, no entanto, não facilitou de imediato a vida das mulheres no futebol. As jogadoras enfrentaram a falta de investimentos ao longo dos anos, como

por exemplo na Copa de 1999, quando tiveram que jogar com uniformes restantes da seleção masculina.

Vale lembrar que, na primeira edição oficial da Copa do Mundo Feminina, em 1991, organizada pela FIFA e sediada na China, os tempos das partidas foram reduzidos de 90 para 80 minutos. Essa “regra” surge em decorrência de críticas jornalísticas e até mesmo dos médicos, que alegavam que a prática de esportes como futebol realizada por mulheres, seria prejudicial à saúde, pois poderia alterar sua fisiologia e afetar seus órgãos reprodutores (Ventura; Hirota, 2007).

Mesmo que as pressões contra a participação delas no esporte fossem grandes, o futebol feminino continuou a ser praticado cada vez mais, encarando o preconceito e discriminações, que ainda hoje permanecem.

Em nossa sociedade, os garotos são elogiados por sua competitividade e agressividade, enquanto as meninas por sua submissão e charme (Knijnik; Souza, 2007). Logo, como o futebol por ser um esporte que exige do esforço físico assim como certa agressividade e competitividade, ele ainda é visto como esporte voltado apenas para o gênero masculino.

É importante ressaltar que, essa discriminação é disseminada nas escolas, que corroboram com a propagação de ideologias e conceitos discriminatório, a começar quando os meninos são selecionados para jogar futebol e para as meninas são sugeridas outras atividades, comumente que desenvolva este lado “charmoso” esperado pelas meninas, com o voleibol ou o ballet por exemplo.

No cenário nacional, o futebol feminino ainda sofre com a falta de incentivo financeiro para fornecer melhores locais de treinos, uniformes adequados, profissionalização e infraestrutura adequada. Além do baixo número de campeonatos e a sua baixa popularização em relação ao futebol masculino.

Para existir um crescimento maior da modalidade feminina é necessário ter as mesmas condições que incentivaram o futebol masculino: investimentos financeiros, transmissão dos jogos nos canais esportivos, oportunidades da modalidade nos grandes clubes, reconhecimento para os profissionais e praticantes (Astarita, 2009).

Em 2019, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) anunciou a criação da Série A1 do Campeonato Brasileiro Feminino, ampliando a visibilidade e profissionalização do futebol feminino no país. A competição conta com clubes

tradicionais do futebol masculino, e isso tem ajudado a atrair mais investimentos e patrocínios para as equipes femininas.

Além disso, a divulgação midiática da presença da seleção brasileira feminina em competições internacionais, como a Copa do Mundo Feminina e os Jogos Olímpicos, tem aumentado a visibilidade do futebol feminino no país. Jogadoras brasileiras se destacam em equipes estrangeiras e têm contribuído para elevar o nível técnico e a reputação do futebol feminino brasileiro.

Ressaltamos que a Copa do Mundo de Futebol Feminina, realizada em 2019 e organizada pela FIFA (Federação Internacional de Futebol), na França, foi um grande fortalecedor do debate envolvendo a atuação feminina na prática do futebol no Brasil, com alcance de divulgação pelas redes sociais e, principalmente, por grandes emissoras de televisão em seus programas principais de esportes.

Nesse sentido, a ascensão e as conquistas dos movimentos feministas, abraçadas nos últimos anos pelos meios de comunicação de massa, fenômeno conhecido como “primavera feminista” e o mal desempenho da seleção brasileira masculina acenderam o debate e geraram interesse sobre o time feminino. (Januário; Knijnik, 2022).

Esse foi um marco que gerou mudanças nas perspectivas sociais acerca de mulheres jogando futebol, destacando também a necessidade de maior visibilização do esporte feminino através das pautas abordadas pela mídia.

Hoje mais do que nunca, podemos reconhecer a importância da mídia no debate do futebol feminino, quando observamos a transformação das pautas esportivas com foco na Copa do Mundo de Futebol Feminina 2023, realizada na Austrália e Nova Zelândia. É possível dizer que ela foi, não apenas, a primeira copa feminina a ser disputada em dois países, como contou em campo com 32 seleções nacionais, considerada assim, a maior até os dias de hoje.

2.1. A vivência do machismo no Futebol Feminino

Falar sobre futebol feminino, infelizmente, remete à reflexão sobre a presença do machismo estrutural, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. A relação entre o machismo e o futebol praticado por mulheres é complexa e multifacetada. Ao longo de décadas, o futebol tem permanecido como um território majoritariamente dominado

por homens, perpetuando estereótipos de gênero e impondo barreiras ao avanço do futebol praticado por mulheres.

A propagação dessa discriminação tem início na infância das crianças, quando, ao brincarem de futebol com irmãos ou amigos, recebem comentários repreensivos do tipo "vai brincar de boneca, futebol é coisa de menino" e outras observações que, muitas vezes, não só desencorajam as meninas, mas também as privam da oportunidade de seguir seus sonhos devido à falta de apoio familiar.

Com frequência, são proferidos comentários depreciativos quando as meninas manifestam interesse em atividades comumente associadas ao universo masculino, não se limitando apenas ao futebol, mas estendendo-se a outras práticas como lutas, Fórmula 1 e outras áreas.

"O início (da carreira no futebol) para mim foi nas ruas, na educação física e em competições escolares. Sempre escondida dos meus pais. Eles nunca deixaram. Perdi inúmeras oportunidades. Para nós geralmente é assim. A primeira luta é dentro de casa. E para boa parte esta parece ser uma luta interminável e a mais dolorida. Meus pais não aceitam até hoje." Diz Gerlane Alves, 24 anos volante do Náutico (Impedidas..., 2017).

No mundo do futebol, o machismo se manifesta de várias formas. Historicamente, houve uma ausência de investimento e suporte ao futebol feminino em comparação com o futebol masculino. Isso resulta em disparidades salariais, menos oportunidades profissionais, infraestrutura limitada e uma cobertura midiática reduzida para os jogos das mulheres². Essa desigualdade é um reflexo direto das atitudes que desvalorizam e menosprezam o esporte quando praticado por mulheres.

Além disso, os estereótipos de gênero têm se mantido arraigados no futebol, reforçando a crença de que o jogo é mais naturalmente apropriado para os homens. Comentários depreciativos, preconceituosos e até mesmo a objetificação das jogadoras são exemplos desse viés cultural, muitas vezes partindo até mesmo da própria comissão técnica dos clubes. Muitas atletas enfrentam críticas e julgamentos sobre sua aparência, desempenho e até mesmo sua feminilidade simplesmente por estarem envolvidas no esporte.

"Foi o pior jogo da minha vida. A torcida do América-MG me xingou desde o começo do jogo até o final. Ficaram gritando se eu era homem ou mulher. Me

² <https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/futebol-tambem-e-espaco-de-resistencia-e-luta-das-mulheres>

humilharam pela minha cor, pelo meu estilo, pelo corte do meu cabelo... falaram coisas horríveis que eu até evito de falar porque foram palavras duras. Quando acabou o jogo eu fiquei sem chão. Não julgaram meu trabalho e sim meu físico, minha cor. Fiquei muito brava, chorei muito.” Diz Dahyanne Christina, 22 anos zagueira (Ex-Santa Cruz) (Impedidas..., 2017).

Ao longo dos anos, o futebol feminino tem travado uma batalha por reconhecimento e igualdade. O sucesso e o crescente interesse pelo esporte têm desafiado muitos estereótipos. As atletas demonstram talento, habilidade e uma paixão pelo jogo, conquistando cada vez mais espaço nos campos e na consciência do público. As vitórias em competições importantes e a participação em campeonatos de alto nível têm desempenhado um papel significativo na mudança de percepção em relação ao futebol praticado por mulheres.

Além disso, movimentos e campanhas em prol da equidade de gênero no esporte estão ganhando força, pressionando por salários iguais, melhores condições de treinamento, infraestrutura aprimorada e uma maior cobertura midiática para o futebol feminino.

O desafio principal reside em dismantelar as estruturas enraizadas do machismo no mundo do futebol. Isso demanda um esforço coletivo das federações esportivas, da mídia, dos patrocinadores, dos fãs e da sociedade em geral para reconhecer e valorizar o futebol feminino da mesma maneira que o masculino.

Para compreender minimamente a extensão dessas atitudes, uma entrevista realizada no Brasil revelou o resultado de uma pesquisa feita com 55 jogadoras sobre questões de assédio, preconceito e sexualidade.

Entre as entrevistadas, 27,3% já foram assediadas sexualmente ou moralmente por um profissional com quem trabalharam diretamente. Um número ainda maior, de 32,7%, já viu acontecer com outra jogadora. O índice cresce quando o universo dos ofensores é ampliado: 63,6% já foram alvo de preconceito por parte dos próprios familiares. 78,2% já passaram algum constrangimento no convívio cotidiano, nas ruas. (Impedidas..., 2017)

À medida que a conscientização cresce e as barreiras são superadas, a esperança é de que o futebol feminino continue a expandir-se, oferecendo oportunidades iguais e um ambiente mais inclusivo para as atletas. Isso desafia as noções ultrapassadas do que é considerado apropriado para mulheres no mundo do esporte.

O papel do clube é fundamental na desconstrução dessas narrativas, pois, feliz ou infelizmente, ninguém vence uma batalha sozinho; e engajar ao lado das mulheres,

assumindo esse compromisso e responsabilidade, possivelmente será um passo significativo na direção correta. Mostrando seu apoio ao futebol feminino e contra o machismo, o clube Corinthians criou uma campanha chamada “#CaleOPreconceito” e estampou na camisa delas diversas frases comumente lidas em comentários de redes sociais, em campo, em casa etc. “As frases estampadas dizem: “Mulher é na cozinha, e não jogando futebol”; “Mulher não pode estar no futebol”; “Futebol Feminino só vai ser bom quando acabar” e “Futebol é só para macho” (Impedidas..., 2017)

3. O PAPEL DA MÍDIA NO ENFRENTAMENTO AO MACHISMO NO FUTEBOL

A partir do tema abordado no capítulo anterior, é importante abordar o papel que a mídia desempenha na desconstrução e manutenção do machismo no futebol feminino. Durante muito tempo, a cobertura midiática do esporte concentrou-se quase exclusivamente no futebol masculino, relegando o futebol praticado por mulheres a um segundo plano. No entanto, à medida que a conscientização sobre a desigualdade de gênero se intensificou, a mídia tem desempenhado um papel cada vez mais significativo na mudança de percepções e na promoção da igualdade no esporte.

A cobertura midiática desempenha um papel importante na maneira como o público em geral percebe e valoriza o futebol feminino. Ao dar visibilidade aos jogos, às atletas e às suas histórias, a mídia tem o poder de desafiar estereótipos de gênero enraizados, demonstrando que as mulheres têm habilidades e talentos excepcionais no esporte.

A cobertura equitativa e positiva do futebol feminino pela mídia é fundamental para combater o machismo. Isso envolve não apenas transmitir os jogos e campeonatos femininos, mas também contar as histórias das atletas, destacar suas conquistas, desafios e inspirações. Ao criar narrativas que humanizam as jogadoras e mostram suas habilidades, a mídia pode contribuir para a normalização do futebol praticado por mulheres (Martins; Moraes, 2007).

Além disso, a mídia desempenha um papel essencial na ampliação do diálogo sobre a igualdade de gênero no esporte. Ao promover discussões e debates sobre questões como disparidade salarial, condições de trabalho, investimento e reconhecimento, os meios de comunicação ajudam a conscientizar o público e a pressionar por mudanças significativas no cenário esportivo.

No entanto, é importante ressaltar que a mídia também pode ser parte do problema quando reforça estereótipos ou subestima a importância do futebol feminino. A cobertura sensacionalista, comentários sexistas ou a falta de atenção e investimento suficientes no esporte praticado por mulheres podem perpetuar desigualdades.

Portanto, a mídia desempenha um papel crucial na desconstrução do machismo no futebol feminino, mas essa responsabilidade requer um compromisso contínuo em promover uma representação justa, precisa e equitativa do esporte, desafiando ativamente os preconceitos e valorizando o talento das atletas, contribuindo para um ambiente mais inclusivo e igualitário no mundo do futebol (Martins; Moraes, 2007).

3.1. Influência Social da Mídia no Futebol Feminino

Lage (2002) esclarece que a mídia é algo que pode ser presencial, com ou sem a intermediação de alto-falantes, microfones, entre outros. Também pode ser representacional, como livros, jornais, revistas, filmes e novelas, por fim, também pode ser eletrônica que se interliga pela instrumentação tecnológica do rádio, da televisão, e da internet.

Em complemento, Santaella (1996) aponta que a comunicação em massa está em contraste direto com a comunicação entre pessoas na qual o emissor escolhe seu receptor e o receptor aceita seu emissor. Sendo assim, podemos considerar que o discurso midiático é um dos principais promotores de sentido para a compreensão da sociedade a respeito das questões do cotidiano. (Kanesiro, 2009, p. 12).

O agendamento de pautas, assuntos e temáticas abordados pela mídia pode sugerir os debates socialmente emergentes. (Januário; Knijnik, 2022). Pena (2005) nos indica a existência entre a agenda da mídia e a agenda pública uma relação causal na compreensão do mundo e leitura dos acontecimentos. Compreendemos que a mídia possui um caráter pedagógico, o que, de acordo com Louro (2008), fomenta pedagogias, legitima pautas e propõe debates.

A mídia desempenha um papel crucial na influência do futebol feminino. Por muitos anos, o futebol feminino tem recebido menos cobertura e menos recursos da mídia em comparação com o futebol masculino. Isso resultou em uma falta de visibilidade e apoio para as jogadoras e equipes femininas.

Essa situação de desigualdade é facilmente percebida quando analisamos o futebol masculino, que costuma ser transmitido pela TV aberta cerca de duas vezes por semana, ocupando o dito como horário nobre das emissoras, enquanto os jogos de futebol feminino raramente são transmitidos na TV aberta, exceto atualmente em grandes campeonatos como a Copa do Mundo de Futebol Feminino, as Olimpíadas e jogos Pan Americanos e sofrendo restrições, comparações com o futebol masculino, além da ênfase na aparência física e orientação sexual das jogadoras, que se destacam nos debates dos comentaristas homens, muito mais que as suas habilidades em campo.

Como afirmado por Mourão e Morel (2005, p. 84), o futebol feminino ainda não encontrou um “espaço permanente na vida e na mídia esportiva brasileira”. Apesar dessa afirmação ter sido feita em 2005 pelas autoras, Costa (2017) reafirma esse panorama afirmando haver *booms* de pautas do futebol de mulheres na grande mídia, mas ainda sem uma sedimentação contínua evidente.

Atualmente, em 2023, essa realidade é ainda presente, tendo em vista que os jogos semanais em TV aberta continuam sendo masculinos e só vemos novas notícias sobre futebol feminino em período de grandes campeonatos na sua grande maioria.

A escassez de cobertura midiática e o reduzido interesse da sociedade na promoção equitativa do futebol feminino em comparação com o masculino é consequência da chamada divisão sexual do trabalho (Bourdieu, 2002), que, como um ciclo vicioso, acaba por diminuir a importância do trabalho das atletas do futebol feminino, como se o esporte feminino fosse apenas uma reprodução antinatural do esporte masculino. (Januário, 2017).

As mulheres que atuam em modalidades nas quais o domínio é masculino, como é caso do futebol no Brasil, sofrem preconceito e discriminação de maneira estrutural e sistemática.

É notória a falta de apoio da mídia em disseminar o esporte, há poucos portais realizando a cobertura dos campeonatos de futebol feminino e os que falam não dão importância a dar voz a outras jogadoras. [...] Não há respeito com os torneios oficiais, o presidente não aparece nas cerimônias, não há esforço para divulgação, deixam as meninas jogarem em gramado sintético etc. Isso reflete no conteúdo que a mídia passa e consequentemente na falta de patrocínio. (Januário, 2017).

Dessa forma, com uma maior exposição midiática, o futebol feminino apresenta oportunidades para ampliar sua base de fãs e seguidores, assim como atrair investimentos e patrocínios. Isso poderia contribuir para a melhoria na qualidade e na competitividade do esporte, bem como estimular a participação de meninas e mulheres, à medida que se sintam mais inspiradas a enxergar o futebol feminino como uma viável opção de carreira esportiva.

Se direcionarmos nosso foco de análise aos acontecimentos do futebol feminino em 2023, identificamos um novo caminho trilhado pela mídia no Brasil e percebemos alguns resultados ligeiramente diferentes das situações rotineiras sobre o futebol no Brasil.

Quando se tem pela primeira vez no Brasil, em 2023, uma Copa do Mundo Feminina transmitida de forma integral, fica evidente o apoio midiático. Esse apoio é percebido nos pequenos detalhes, em comparação ao futebol masculino: em 2023 temos narradoras de futebol durante as transmissões, comentaristas mulheres nas bancadas, utilização de câmeras de alta resolução, dentre outras ferramentas consideradas básicas para uma boa transmissão de uma partida de futebol.

Na Copa do Mundo 2023, o papel da mídia contribuiu com mudanças fundamentais relacionadas às experiências das jogadoras, isso porque jogadoras passaram a ser reconhecidas, conhecidas, enaltecidas.

O alcance da mídia pode ser observado quando se pensa nas plataformas digitais, em especial nas redes sociais, tendo como primeiro exemplo a jogadora Marta, com 6 premiações de melhor jogadora do mundo pela FIFA, que atingiu após a transmissão da copa 2,8 milhões de seguidores no Instagram.

Em que pese o ganho, é notável como o número de seguidores de Marta se eleva com o foco temporário da mídia no futebol feminino, mas se comparado ao masculino, cujo foco é mais constante, trata-se de um número irrisório.

No mundo constantemente midiático do futebol masculino, um jogador mediano (no que tange as conquistas e o conhecimento público), como por exemplo o Danilo Luiz, convocado para a seleção pela primeira vez em 2022, possui nada menos que 3,3 milhões de seguidores no Instagram³.

³ Dados levantados em 2023. <https://www.instagram.com/daniluz2?igsh=YzVkODRmOTdmMw==>
Dados coletados em 21/12/2023 às 16:26

Se ainda for feita uma análise no número de seguidores das jogadoras renomadas de menor destaque midiático, esse baixo público se torna ainda mais perceptível, como é o caso das jogadoras: i) Formiga, que em seguidores no Instagram acumula 420 mil seguidores; ii) Pretinha com 1.887 seguidores; III) Cristiane com pouco mais de 1 milhão; IV) Sissi do Amor com 721 seguidores e poderíamos pegar mais exemplos e mesmo assim continuaríamos retornando ao mesmo ponto do que a falta de visibilidade implica as jogadoras⁴.

Contudo, desafios persistem. A mídia desempenha um papel crucial ao garantir uma cobertura equitativa e imparcial do futebol feminino, evitando estereótipos de gênero e promovendo a igualdade de oportunidades. Adicionalmente, é imprescindível investir continuamente na infraestrutura e no desenvolvimento do futebol feminino para sustentar seu crescimento e aprimoramento.

Em síntese, a mídia assume uma função fundamental na formação de opinião pública, no consumo e na propagação de novas tendências, tornando-se uma influência significativa para o futebol feminino, tanto em sua expansão e aperfeiçoamento, quanto na superação de desafios para garantir uma cobertura mais justa e igualitária. Grandes eventos, como a Copa do Mundo de Futebol Feminino e os Jogos Olímpicos, obtiveram uma proeminência maior na mídia, resultando em um aumento do interesse e reconhecimento das atletas e suas habilidades, contribuindo para iniciar o rompimento do ciclo vicioso do machismo estrutural no futebol.

Essa disparidade e a escassez de atenção midiática, juntamente com a falta de divulgação e transmissão, também impactam diretamente os investimentos, não apenas por parte de empresas privadas, mas também governamentais no futebol feminino. Analisar o alcance da Copa do Mundo Feminina de 2023 pode oferecer entendimento sobre essa questão, especialmente em comparação com edições anteriores, já que a visibilidade mínima atribuída a esse evento demonstrou uma diferença considerável em relação aos anteriores.

Algumas promoções inéditas no futebol feminino marcaram uma expansão da representatividade e apoio na mídia, o que proporcionou avanços significativos,

⁴ i) @oficial_formiga https://www.instagram.com/oficial_formiga?igsh=YzVkODRmOTdmMw== ;
ii) @pretinhabrasil_12 https://www.instagram.com/pretinhabrasil_12?igsh=YzVkODRmOTdmMw== ;
III) @crisrozeira <https://www.instagram.com/crisrozeira?igsh=YzVkODRmOTdmMw==> ;
IV) @sissi.1010 <https://www.instagram.com/sissi.1010?igsh=YzVkODRmOTdmMw==>
Dados coletados em 21/12/2023 às 16:30

especialmente em relação às desigualdades de gênero e ao atraso no desenvolvimento desse esporte no Brasil.

Somando todos os perfis, a seleção brasileira viu os números saltarem de 7,58 milhões para 8,16 milhões de novos seguidores depois da goleada por 4 a 0, em um aumento de 7,44% no geral. (Cartola, 2023).

Entre as transformações observadas, é pertinente mencionar diversas mudanças significativas. Destacam-se a produção do álbum da Copa, apesar de ter sido divulgado em uma escala muito menor se comparado ao torneio masculino. A transmissão dos jogos obteve uma maior visibilidade, abrangendo não apenas os jogos da seleção brasileira, mas toda a competição⁵.

Em 2019, ocorreu a primeira transmissão em televisão aberta, e em 2023, houve um aumento na quantidade de veículos que transmitiram os jogos, incluindo canais como Globo Esporte, CasimiroTv, Globo Play e Fifa+. Programas como o Globo Esporte realizaram entrevistas incentivando tanto a audiência para os jogos de futebol feminino quanto a motivação para que as meninas se envolvam na prática desse esporte.

Vale ressaltar que a edição de 2023 se tornou a Copa do Mundo Feminina com o maior público da história dentre todas as edições anteriores⁶. Após a Copa do Mundo, até mesmo os amistosos da seleção passaram a receber maior visibilidade e transmissão.

4. O INCENTIVO PÚBLICO AO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Atualmente, o futebol pode ser visto como um dos grandes fenômenos socioculturais do século XXI, pois é capaz de influenciar diversos segmentos da

⁵ <https://www.suno.com.br/noticias/colunas/marcos-neuhaus/copa-mundo-feminina-anunciantes-numero-baixo/> - Acessado em 21/12/2023 Às 16:38

⁶ <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/08/07/recordes-fifa-copa-feminina.htm#:~:text=Este%20Mundial%20tamb%C3%A9m%20se%20tornou,Os%20n%C3%BAmeros%20s%C3%A3o%20do%20OptusSport.&text=Ap%C3%B3s%20a%20partida%20entre%20EUA,est%C3%A1dios%20para%20assistir%20aos%20jogos> - Acessado em 21/12/2023 às 16:43

sociedade, do cultural ao econômico, se pensarmos em sua imensa capacidade de fomentar o consumo (Januário, 2017). Nos últimos anos, o futebol feminino tem conquistado cada vez mais espaço no Brasil. A Seleção Brasileira feminina é Hexacampeã da Copa América (1991,1995,1998,2003,2010,2014,2018 e 2022) e teve seu melhor resultado em Copa do Mundo, dentre suas 8 participações, em 2007 em que foi vice-campeã da competição.

Uma característica que acompanha o futebol feminino ao longo dos anos é o sofrimento constante pela ausência de incentivo e investimento das próprias instituições no esporte, atuando diretamente como ferramenta influenciadora no desempenho em campo das atletas. Januário (2005), afirma que esse comportamento está relacionado a uma cultura sexista, principalmente no Brasil, que não dá o devido valor ao trabalho realizado pelas mulheres, seja em qualquer área, e esse fato só é reforçado num espaço masculinizado, essa desvalorização é ainda tão presente em 2023, que foi tema de redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio); “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”.

Autores como Almeida e Pisani (2015), declaram que o futebol de mulheres no Brasil elevou seus investimentos e alcançou maior visibilidade após o início do ano 2000 através da reorganização das competições nacionais de futebol feminino geridas pela CBF e dos resultados conquistados pela seleção nacional no início da década. Esse resultado indicou que a maior ‘elite’ do futebol feminino no Brasil se concentra em São Paulo, enquanto o Rio de Janeiro mostra certa decadência nessa modalidade, em vista que apesar de possuir diversos times, o investimento se mostra fraco.

Quanto à divisão regional de atuação das atletas, a região sudeste do Brasil manteve sua hegemonia desde o primeiro campeonato mundial, apontando para a desigualdade de investimentos em futebol feminino nas outras regiões. (Brum; Nascimento, 2019).

Desde 2019, foi estabelecida a obrigatoriedade para os clubes masculinos da Série A e da Libertadores de possuírem equipes femininas, um marco que contribuiu para o início de discussões mais aprofundadas e sérias acerca do futebol feminino. No contexto de 2023, essa realidade persiste, especialmente considerando que o futebol feminino permanece predominantemente amador no Brasil. Poucos clubes fazem investimentos expressivos nessa área, e atualmente, os três principais clubes

do país em termos de relevância nacional são o Corinthians, Internacional e Ferroviária. Nota-se, no entanto, uma lacuna evidente quando se observa o cenário no Rio de Janeiro, onde clubes de grande porte, como Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense, não apresentam visibilidade e investimentos reais no futebol feminino.

Tomando como exemplo o Vasco da Gama em 2023, verifica-se um investimento mínimo no futebol feminino, com a inclusão de Carol Paiffer como uma das mobilizadoras do movimento. O Vasco começou a transmitir os jogos pela sua plataforma online (VascoTv) e levou as partidas para seu estádio, o "São Januário". No entanto, ainda há muito a ser feito, visto que as jogadoras não possuem uniformes personalizados, sem nomes nas camisas, e são obrigadas a utilizar números padrões, representando um dos desafios enfrentados pelo clube.

No Ranking Nacional Feminino de 2023, da CBF⁷, que elenca os clubes do Brasil, o Vasco aparece em 28º lugar. Nesse sentido, cabe ressaltar que Vasco da Gama é o único entre os quatro grandes clubes cariocas que não integra a elite do futebol brasileiro feminino, a Série A1 do Campeonato Brasileiro.

Ao abordar a perspectiva global, especialmente no que tange à seleção brasileira, constata-se uma disparidade significativa em relação aos investimentos no futebol feminino quando comparados aos aportes destinados ao futebol masculino.

Em 2022, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) destinou R\$200 milhões para a seleção masculina principal, enquanto os R\$70 milhões restantes foram divididos entre a equipe feminina e sete seleções de base. Esses números revelam desigualdades expressivas, considerando a promessa da CBF em 2020 de igualdade salarial entre os gêneros.

Como exemplo ilustrativo, a jogadora Marta, uma das maiores atletas na história do futebol brasileiro e reconhecida internacionalmente, recebe um salário mensal de R\$1,94 milhão, enquanto Neymar, por exemplo, auferiu R\$1,7 bilhão de contrato em dois anos, R\$72,352 milhões por mês, perfazendo R\$2,36 milhões diários, um valor superior ao salário mensal de Marta.⁸

⁷ <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/corinthians-e-lider-pelo-terceiro-ano-consecutivo-do-ranking-nacional>

⁸ <https://premierleaguebrasil.com.br/salario-neymar/> - Acessado 21/12/2023 às 16:48 (Neymar)
<https://exame.com/esporte/mais-rica-da-copa-marta-tem-salario-100-vezes-menor-que-o-de-neymar/> - Acessado 21/12/2023 às 16:53 (Marta)

Observando a Copa do Mundo Feminina de 2023, percebe-se um crescente interesse pelo futebol feminino, evidenciado pela FIFA, que triplicou a premiação do torneio para US\$152 milhões. A justificativa para esse aumento foi a venda dos direitos de mídia para a Europa e canais de televisão aberta, gerando US\$300 milhões.⁹

Essa edição do torneio estabeleceu recordes significativos: audiência global de mais de 2 bilhões de pessoas, 74.784 espectadores na final, uma receita recorde de US\$570 milhões, tornando-se a segunda maior renda da história de qualquer esporte, ficando atrás apenas da Copa do Mundo masculina¹⁰. Diante dos investimentos e da visibilidade recebida, a Copa do Mundo Feminina alcançou marcos históricos e significativos, ressaltando não apenas a importância de um aumento de investimento, mas também reforçando sua capacidade de crescimento.

Como aponta Soraya Barreto Januário, pesquisadora em futebol e professora da Universidade Federal de Pernambuco:

Elas veem que não têm o incentivo do esporte e terminam encontrando outras saídas. Muitas vão para educação física para conseguir entrar no mercado, porque sabem da pouca valorização, que a possibilidade de subsistência é mínima. É normal que elas terminem fazendo um movimento que os homens em geral não fazem, que é estudar. Vejo, talvez, um cenário de elas conseguirem uma inserção diferente. Mas é uma visão positivista. Porque as pessoas só acreditam em quem praticou. Então, quem vai pelo estudo, fica complicado de se inserir, virar uma referência ou chegar mais longe nessa carreira. (Impedidas..., 2017)

Certamente essa situação vivenciada até hoje pelo futebol feminino necessita de intervenções governamentais para que mudanças sejam feitas e com isso elas possam ter o devido reconhecimento como atletas, tanto em níveis sociais, midiáticos e investimentos que colaborem para o seu crescimento.

4.1. Novos cenários para o Futebol Feminino no Brasil

⁹ <https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/w2w-opiniao/a-provavel-ultima-copa-da-rainha-marta> - Acessado em 21/12/2023 às 16:55

¹⁰ [Copa Feminina gera receita de R\\$ 2,8 bilhões e se torna o segundo evento mais rentável da Fifa \(terra.com.br\)](https://www.terra.com.br/sport/futebol/copa-feminina-gera-receita-de-r-28-bilhoes-e-se-torna-o-segundo-evento-mais-rentavel-da-fifa) - Acessado em 21/12/2023 às 16:58

Como foi apontado por Silva (2020), existe a grande necessidade de políticas públicas que criem responsabilidades para com o fomento e o desenvolvimento do futebol feminino. Tendo como alvo dessas políticas a sociedade, as federações e o poder público.

A incorporação da mulher, especificamente em relação ao futebol, apesar de algumas dificuldades tem possibilidade, de ampliar o seu domínio. É importante perceber que apesar da mulher buscar a sua igualdade jurídica, melhores condições de vida, ocupar um lugar visível na sociedade; esta mulher há muito já vinha burlando as proibições a fim de atingir os seus propósitos (Magalhães, 2008. p. 21-22).

A autora destacou essa pontuação a partir das discussões levantadas nas reuniões da CBF, no qual os times de futebol feminino buscavam seus direitos da prática do esporte com a mesma consideração que o futebol masculino recebia. Apesar das promoções de competições oficiais como a Copa e Olimpíadas, no Brasil existem apenas duas ligas de futebol feminino a Série A1 e a Série A2 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, sendo assim, é notório que o investimento no futebol de base feminino não é tão presente, eis que mesmo havendo algumas competições de base entre seleções, em território brasileiro a CBF não promove nenhum campeonato abaixo da categoria sub-20. (Silva, 2020).

O crescimento do futebol feminino no Brasil está diretamente ligado às políticas públicas que surgiram ao passar dos anos, tendo como um dos poucos incentivos governamentais a Lei De Incentivo Ao Esporte:

Lei n.º 11.438/06 – Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências: Sancionada em dezembro de 2006, a Lei de Incentivo ao Esporte é um importante instrumento para o setor. Ela estimula pessoas e empresas a patrocinarem e fazer doações para projetos esportivos e paradesportivos, em troca de incentivos fiscais. (Brasil, 2006).

Em 2015, a legislação que contribui no desenvolvimento do esporte feminino no país ganhou o reforço do PROFUT, que estabelece princípios e práticas de gestão do futebol no Brasil:

Lei n.º 13.155/15 - Estabelece princípios e práticas de responsabilidade fiscal e financeira e de gestão transparente e democrática para entidades desportivas profissionais de futebol;

institui parcelamentos especiais para recuperação de dívidas pela União, cria a Autoridade Pública de Governança do Futebol - APFUT; dispõe sobre a gestão temerária no âmbito das entidades desportivas profissionais; cria a Loteria Exclusiva - LOTEEX; altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, 8.212, de 24 de julho de 1991, 10.671, de 15 de maio de 2003, 10.891, de 9 de julho de 2004, 11.345, de 14 de setembro de 2006, e 11.438, de 29 de dezembro de 2006, e os Decretos-Leis nos 3.688, de 3 de outubro de 1941, e 204, de 27 de fevereiro de 1967; revoga a Medida Provisória no 669, de 26 de fevereiro de 2015; cria programa de iniciação esportiva escolar; e dá outras providências: Cria um programa de modernização da gestão e de responsabilidades fiscal para os clubes brasileiros. (Brasil, 2015).

O Profut, ou Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro, é uma iniciativa do governo brasileiro para melhorar a gestão financeira dos clubes de futebol, buscando maior transparência, responsabilidade fiscal e sustentabilidade econômica. Foi criado para ajudar os clubes a refinanciarem suas dívidas e estabelecer práticas de governança mais eficientes.

Como princípios e práticas para a modernização da gestão e responsabilidade fiscal nos clubes de futebol brasileiros, incluem-se alguns elementos: Transparência Financeira, responsabilidade fiscal, profissionalização da gestão, refinanciamento de dívidas, governança corporativa, fomento ao esporte, dentre outros princípios e práticas para a promoção da sustentabilidade financeira e administrativa dos clubes.

Apesar da existência dessas e outras políticas de regulação do futebol, esses mecanismos ainda não eram suficientes para incentivar a sociedade e nem as associações esportivas a tratarem o futebol feminino nas mesmas dimensões do futebol masculino e nem colocar todos os times em campo. Tais mecanismos também não forneciam o incentivo direto e adequado para as meninas e mulheres brasileiras que desejam se tornar jogadoras profissionais, ou seja, em nada contribuindo de forma direta para a descontinuidade da desigualdade de gênero no esporte.

Visando alterar o rumo dessa narrativa o governo Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) em 30 de março de 2023 apresenta a Estratégia Nacional para o Futebol Feminino (ENFF), que instituída pelo Decreto nº 11.458 tem como objetivo central criar bases para engendrar ensejos propícias ao desenvolvimento do futebol feminino no Brasil.

A ENFF tem como objetivo promover o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, com foco na profissionalização, na inclusão social e na melhoria da qualidade de vida das atletas. A ENFF visa a promoção da profissionalização do futebol feminino

por meio de ações como: i) fortalecimento de clubes e ligas femininas; ii) aumento de investimentos em treinamento e infraestrutura; iii) promoção de igualdade de oportunidades no esporte.

O objetivo geral deste decreto consiste na prática do futebol feminino no Brasil considerando as diferentes regiões do país e os pilares indicados no modelo SPLISS como importes para o desenvolvimento da modalidade (Figura 1).

Para alcançar estes objetivos, objetivos específicos foram delineados para este alcance:

1. Desenvolver instrumentos apropriados para a análise do esporte no cenário nacional.
2. Analisar a quantidade de políticas públicas destinadas ao futebol feminino e de meninas e mulheres beneficiadas por elas.
3. Analisar o contexto de atuação de jogadores de base e adultas da modalidade.
4. Analisar os desafios e conquistas vivenciadas por profissionais responsáveis pela promoção do futebol de mulheres no Brasil.

Figura1. Pilares e modelo SPLISS¹¹.



¹¹ https://www.gov.br/esporte/pt-br/acoes-e-programas/futebol-feminino/docestrategianacionalfutebeolfemv5_15-08-202313.pdf

É importante destacar que a ENFF tem como objetivo promover a inclusão social por meio de ações diversas como, por exemplo, com a oferta de bolsas de estudo integral para jogadoras de baixa renda, com o desenvolvimento de programas de inclusão para mulheres e meninas no esporte, com a promoção de uma cultura de respeito à diversidade e com a melhoria da qualidade de vida.

Ações de melhorias de qualidade de vida também devem ser destacadas. Neste sentido, a ENFF tem contribuído para o fortalecimento da legislação trabalhista para atletas, para a promoção da saúde e da segurança das atletas, e para o apoio ao desenvolvimento pessoal e profissional das atletas.

Sem dúvidas, tal estratégia consiste em um marco para o futebol feminino no Brasil. Não só se contribui para as desigualdades de gênero no país como também promove o pleno desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, através do fortalecimento de clubes e ligas femininas. Neste sentido, a ENFF pode apoiar os clubes e ligas femininas por meio de parcerias, consultorias e treinamentos, contribuindo para a melhora de sua estrutura, gestão e marketing, bem como o desenvolvimento de seus regulamentos e competições. Isso pode ajudar a criar um ambiente mais profissional e competitivo para o futebol feminino no Brasil bem como contribuir para a adequada regulamentação das atletas.

Com tudo isso, fortalecem-se as ligas femininas no país. Além disso, contribui também para este fato o aumento de investimentos em treinamento e infraestrutura onde a ENFF desempenha papel importante na promoção do aumento de investimentos em treinamento e infraestrutura para o futebol feminino, oferecendo cursos e treinamentos para treinadoras e preparadoras físicas, e apoiando a construção de campos e centros de treinamento. Isso pode ajudar a melhorar o nível técnico e tático das atletas, bem como as condições de trabalho das treinadoras.

O decreto também profissionaliza o contexto do futebol feminino no país. Através dele se define um calendário preciso que regem as atividades do futebol feminino tanto a nível estadual quanto a nível nacional. Fixa-se o prazo mínimo para a vigência dos contratos das atletas, profissionalizando e enrijecendo ainda mais as relações profissionais entre as atletas e seus clubes, com o objetivo de garantir o pleno desenvolvimento esportivo e os direitos trabalhistas. Fixa-se também um limite máximo quantitativo de atletas não profissionais por clube. Isto ocorre visando, em longo prazo, zerar o número de atletas não profissionais no futebol feminino. Sendo assim, esta regra formaliza a gradativa profissionalização do futebol feminino. O

decreto também define uma estrutura de operação mínima dos estádios além de também definir os parâmetros de formação dos atletas.

O decreto dispõe de uma estratégia muito concisa e clara para o alcance dos objetivos desejados. Eixos prioritários foram definidos como:

1. Capacitação: Criação de programas de capacitação para atletas, árbitros, assistentes, treinadoras, gestoras, e outros profissionais relacionados
2. Comunicação através de campanhas de combate à discriminação, distribuição de materiais, guias, e-books, e outras estratégias de comunicação social.
3. Incentivos: Criação de incentivos fiscais para empresas interessadas em investir no futebol feminino.
4. Competições: apoiar e incentivar campeonatos locais, universitários, regionais e outros.
5. Ações diretas; apoio direto as atividades diretamente relacionadas ao desenvolvimento do futebol feminino.

Importante elucidar o papel do Ministério dos Esportes, O Ministério dos Esportes é o órgão responsável pela implementação da ENFF. O ministério terá a função de coordenar e articular as ações de diferentes setores da sociedade, como o governo, as federações esportivas, os clubes e as empresas privadas.

O plano de ação da ENFF para o triênio 2023-2025 prevê as seguintes ações:

- a. **Promoção do esporte feminino:** o ministério promoverá campanhas de incentivo à prática do futebol feminino e apoiará a participação de atletas brasileiras em competições internacionais.
- b. **Profissionalização do esporte feminino:** o ministério apoiará a criação de clubes profissionais femininos e a formação de atletas de alto rendimento.
- c. **Inclusão social:** o ministério promoverá ações para garantir o acesso das mulheres ao futebol, independentemente de sua classe social, raça ou etnia.

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2027 será realizada no Brasil. O evento será uma oportunidade para o país mostrar seu potencial no esporte e promover o desenvolvimento do futebol feminino.

A ENFF é um passo importante para garantir que o Brasil esteja preparado para sediar a Copa do Mundo de 2027. O decreto prevê ações específicas para promover o esporte feminino no Brasil e contribuir para o sucesso do evento.

Entre as ações previstas, destacam-se:

- i. Ampliação da infraestrutura esportiva: o ministério investirá na construção e reforma de estádios e ginásios para atender às necessidades da Copa do Mundo.
- ii. Fortalecimento das federações esportivas: o ministério apoiará as federações esportivas para que elas possam organizar e realizar competições de alto nível.
- iii. Incentivo à participação da torcida: o ministério promoverá ações para incentivar a torcida pelo futebol feminino.

A ENFF é uma iniciativa importante para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil. O decreto prevê ações concretas para promover o esporte e contribuir para o sucesso da Copa do Mundo de 2027 em decorrência do futebol praticado por mulheres no Brasil.

5. CONCLUSÃO

O futebol feminino no Brasil passou por uma evolução notável, enfrentando desafios históricos, como preconceitos e proibições baseadas em estereótipos de gênero. A trajetória incluiu a inserção durante a Primeira Guerra Mundial, a proibição oficial em 1941 e a posterior descriminalização em 1965, além da regulamentação pela Confederação Brasileira de Futebol em 1983.

A resistência cultural persistente e a associação do futebol à masculinidade causaram discriminação. A falta de incentivo financeiro ao longo dos anos afetou infraestrutura e oportunidades para as jogadoras. A criação da Série A1 em 2019 e a participação em competições internacionais trouxeram visibilidade e profissionalização. A Copa do Mundo Feminina de 2019 e 2023 foram marcos cruciais na mudança de percepção social, destacando a crescente importância do futebol feminino.

Apesar dos avanços, persistem desafios, e o esforço contínuo para quebrar estereótipos de gênero e investir na infraestrutura são fundamentais para garantir a igualdade e o reconhecimento pleno do futebol feminino no Brasil.

Discutir o futebol feminino implica enfrentar o machismo estrutural presente globalmente. Ao longo das décadas, o esporte permaneceu predominantemente masculino, reforçando estereótipos de gênero e obstaculizando o avanço do futebol praticado por mulheres. Desde a infância, as meninas enfrentam desencorajamentos, falta de investimento e disparidades salariais, refletindo atitudes que desvalorizam o esporte feminino.

Os estereótipos de gênero arraigados no futebol perpetuam a ideia equivocada de que o jogo é naturalmente mais apropriado para homens, resultando em comentários depreciativos e objetificação das jogadoras. Apesar dos desafios, o futebol feminino tem conquistado avanços significativos, desafiando estereótipos e pressionando por equidade de gênero no esporte. A batalha principal envolve a desconstrução do machismo enraizado no mundo do futebol, exigindo esforços coletivos de diversas partes da sociedade para valorizar o futebol feminino da mesma forma que o masculino.

Entrevistas revelam as realidades dolorosas enfrentadas pelas jogadoras, destacando a importância da conscientização e superação de barreiras para criar um ambiente mais inclusivo. O papel dos clubes é crucial nesse processo, e campanhas como a "#CaleOPreconceito" do Corinthians exemplificam a necessidade de combater ativamente o machismo para promover um ambiente mais igualitário. A esperança reside na expansão contínua do futebol feminino, desafiando normas ultrapassadas e promovendo a igualdade de gênero no esporte.

E a influência social da mídia no futebol feminino desempenha um papel crucial na desconstrução do machismo associado a esse esporte. A cobertura midiática desproporcional ao longo do tempo tem sido um obstáculo, mas a conscientização crescente sobre a desigualdade de gênero está levando a mídia a desempenhar um papel mais significativo na mudança de percepções e promoção da igualdade no esporte.

Uma cobertura midiática equitativa e positiva do futebol feminino é essencial para desafiar estereótipos de gênero. A mídia, ao dar visibilidade aos jogos, atletas e suas histórias, tem o poder de normalizar o futebol praticado por mulheres, destacando suas habilidades excepcionais.

É crucial ressaltar que a mídia pode ser parte do problema quando reforça estereótipos ou subestima a importância do futebol feminino. O desafio é garantir uma cobertura justa, precisa e equitativa, evitando preconceitos e valorizando o talento das atletas.

A análise destaca a necessidade de uma mudança de paradigma na cobertura e no apoio financeiro. A mídia pode ampliar a base de fãs, atrair investimentos e patrocínios, contribuindo para a melhoria da qualidade e competitividade do esporte.

A Copa do Mundo Feminina de 2023 no Brasil foi um marco significativo, proporcionando uma visibilidade inédita. O aumento de seguidores nas redes sociais e transmissões em canais mais amplos indicam uma mudança positiva na atitude da mídia em relação ao futebol feminino. No entanto, para uma transformação sustentável, é crucial manter a atenção e o apoio contínuos, desafiando preconceitos e promovendo a igualdade de oportunidades para as mulheres no esporte.

A apreciação do contexto do futebol feminino no Brasil destaca desafios persistentes, mas também avanços notáveis. A falta de incentivo e investimento ao longo dos anos, impulsionada por uma cultura sexista, tem sido uma barreira significativa. No entanto, a crescente visibilidade e conquistas, especialmente com a Seleção Brasileira feminina e a Copa do Mundo de 2023, indicam uma mudança positiva.

A distribuição regional destaca a hegemonia persistente da região sudeste e a disparidade nos investimentos entre o futebol feminino e masculino. A Estratégia Nacional para o Futebol Feminino (ENFF), implementada em 2023, propõe uma abordagem abrangente para enfrentar esses desafios, com ênfase no desenvolvimento esportivo, inclusão social e melhoria da qualidade de vida das atletas.

A ENFF estabelece objetivos claros, como fortalecer clubes e ligas femininas, aumentar investimentos em treinamento e infraestrutura, e promover igualdade de oportunidades. A intervenção governamental, através de políticas públicas como a Lei de Incentivo ao Esporte e o PROFUT, desempenha um papel crucial nesse processo, visando fomentar e desenvolver o futebol feminino.

O governo, por meio do Ministério dos Esportes, assume responsabilidades na implementação da ENFF, promovendo campanhas de incentivo, apoiando a profissionalização do esporte feminino e promovendo a inclusão social. A preparação para sediar a Copa do Mundo de 2027 é vista como uma oportunidade para elevar o

status do futebol feminino, com investimentos em infraestrutura e apoio às federações esportivas.

No entanto, é crucial monitorar de perto a implementação efetiva da ENFF e avaliar seu impacto ao longo do tempo. A busca pela igualdade de gênero no esporte requer uma abordagem contínua e sustentada, envolvendo esforços do governo, instituições esportivas, clubes e a sociedade em geral. O sucesso da ENFF pode representar um passo significativo na transformação do cenário do futebol feminino no Brasil.

Uma das principais conclusões que podemos tirar após a realização do presente trabalho é a de que apesar das diversas evoluções nas políticas públicas, na sociedade em relação à visão da mulher no esporte e a certa evolução no apoio e divulgação midiática do futebol feminino, é a de que ainda estamos longe de um futebol igualitário desde os quesitos voltados para as oportunidades, visibilidade, investimento e aceitação social.

A mídia é grande influente na visão de mundo que temos atualmente, em vista que a internet ganhou espaço em quase todos os aspectos de nossas vidas, porém, infelizmente, o futebol feminino é visto ainda apenas como uma modalidade alternativa do futebol masculino, tendo manchetes e destaques televisivos apenas em campeonatos grandes. Na lógica do patriarcado, meninas não possuem o mesmo incentivo que meninos de praticar o esporte, porque não são incentivadas a atividades que proporcionam sensação de liberdade, esforço corporal ou mesmo foco em outro ambiente que não o doméstico (Bourdieu, 2002). Com isso, empresas, associações esportivas e ambientes de recreação não possuem muito interesse em investir no esporte.

A necessidade de implementação de políticas públicas voltadas para a atuação da mídia para alcançar a sociedade e com isso atrair investidores para o esporte é extremamente necessária para que não existam apenas algumas “Martas” para se destacarem no futebol feminino, e sim que o esporte praticado por mulheres seja inserido, divulgado, incentivado e aceito na sociedade assim como o futebol masculino.

Os estudos nessa área estão longe de serem os suficientes e muitas discussões devem ser alavancadas, pesquisas devem ser feitas, focando as atletas, as associações, o público e as empresas vistas como potenciais investidoras para o

esporte, podendo assim auxiliar a inserção do futebol feminino como um esporte sério e não a alternativa do futebol masculino.

REFERÊNCIAS

Araújo, F. A. R. A Mulher no Futebol. **Revista Resgates: futebol: ciência, cultura e sociedade**, São Paulo, v. 4, n. 6, p.75-84, dez. 2014.

Astarita, P. E. **Incentivos e dificuldades vivenciados por atletas do futsal feminino universitário**. Porto Alegre, 2009.

BBC. **Menos investimento e proibição**: por que seleção feminina de futebol não é tão bem-sucedida quanto masculina? Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/clk3r4kgzk7o#:~:text=Em%202022%2C%20a%20Confedera%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Brauner, Vera Lucia. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/48156>

Bourdieu, P. **A dominação masculina**. 2ª ed. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002 Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646>. Acesso em: 15 nov. 2023

Brasil, **Lei n.º 11.438/06**, Lei de incentivo ao esporte, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2006/Lei/L11438.htm

Brasil, **Lei nº 13.155/15**. PROFUT, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm

Brasil. **Estratégia Nacional para o Futebol Feminino**. De 30 de março de 2023. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/por-um-esporte-mais-inclusivo-e-igualitario-conheca-detalhes-da-estrategia-nacional-para-o-futebol-feminino/docEstrategianacionalfutebeolfemv5_15.08.202313.pdf>.

Brasil. **Futebol feminino ainda é predominantemente amador no Brasil**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2023-08/futebol-feminino-ainda-e-predominantemente-amador-no-brasil>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Brum, Monique Ferreira; NASCIMENTO, Diego Ramos do; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Trajetória profissional das atletas da seleção brasileira de futebol feminino. **Arquivos em Movimento**, v. 15, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/79956568/pdf.pdf>

Cartola. **Jogadoras do Brasil ganham mais de 500 mil seguidores nas redes após estreia na Copa**. In: O GLOBO, Blogs. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/carlot/post/2023/07/jogadoras-do-brasil-ganham->

mais-de-500-mil-seguidores-nas-redes-apos-estreia-na-copa.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CBF quer obrigatoriedade de time feminino em clubes das quatro séries do futebol brasileiro. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/02/08/cbf-quer-obrigatoriedade-de-time-feminino-em-clubes-das-quatro-series-do-futebol-brasileiro.ghtml>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Contursi, Ernani Bevilacqua. **Marketing Esportivo**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

Costa, Leda Maria. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, v. 13, p. 493-507, 2017.

Copa Feminina gera receita de R\$ 2,8 bilhões e se torna o segundo evento mais rentável da Fifa. Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-feminina-2023/copa-feminina-gera-receita-de-r-28-bilhoes-e-se-torna-o-segundo-evento-mais-rentavel-da-fifa,48d02d6903a2fa7e068f6ec06fbda5142cn0i43x.html>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Gambôa, Thainá Chaul Bittencourt. **As dificuldades encontradas no futebol feminino: uma visão de atletas**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13847>

Goellner, S. V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a prática**. Goiânia. v. 8, n. 1 (jan. /jun. 2005), p. 85-100, 2005.

IFI. International Football Institute. Conference Announcement and call for academic papers. Lancashire: **University of Central Lancashire**, 2005.

Impedidas: machismo e violência no futebol. In: Diário de Pernambuco. 2017.

Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/machismonofutebol/jogadoras/?doing_wp_cron=1699041633.9475970268249511718750>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Januário, Soraya Barreto. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. XXXVIII **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/GV4vkW>

Januário, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in) visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13792>

Januário, Soraya Barreto; Knijnik, Jorge D. Novos Rumos Para As Mulheres no futebol brasileiro. **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, p. 434-458, 2022. Disponível em: <https://researchdirect.westernsydney.edu.au/islandora/object/uws:68137/>

Januário, Soraya Barreto. **Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana**. São Paulo: Fontenele, 2019.

Kanesiro, Marina Hanita. **Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções**. 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/119511>

Knijnik, Jorge. D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, p. 191-212, 2004.

Lage, N. **Estrutura de textos midiáticos**. In: GHILARDI, M. I. & BARZOTTO, V. H. (Org.). Nas telas da mídia. Campinas: Editora Alínea, 2002.

Magalhães, S. Memória, futebol e mulher: Anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense. **Revista de História de Esporte**. 2008.

Martins, Leonardo Tavares; Moraes, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/33360>

Mourão, Ludmilla; Morel, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: A diferença que faz uma medalha de prata. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005

Silva, Bruna Kellermann da. **O futebol feminino em expansão: determinantes, políticas públicas e perspectivas. Subsídios para a compreensão do contexto brasileiro**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/27759>

Souza, J. S. S; Knijnik, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.** jan./Mar. 2007, v.21, n.1, São Paulo, 2007. p.35-48.

Ventura, T. S.; Hirota, V. B. Futebol e salto alto: por que não? **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, 2009.